

21  
372  
J. A. PIRES DE LIMA

~~8-10-43~~

# COMO FOI INICIADO O ENSINO DA ANATOMIA NO BRASIL



COIMBRA EDITORA, LIMITADA — 1943



COMO FOI INICIADO O ENSINO  
DA ANATOMIA NO BRASIL

COMO FOI ENVIADO O ENVIADO  
DA ARQUITECTURA DO ENVIADO

~~15/11/55~~  
15

J. A. PIRES DE LIMA

DEP. LEG.

# COMO FOI INICIADO O ENSINO DA ANATOMIA NO BRASIL



R.152748



56756  
95795

Separata de BRASILIA, vol. II

10378

É de perfeita justiça a revisão, que se está fazendo, da nossa História, na segunda metade do século XVIII e nas primeiras décadas do século XIX.

Quem ler desprevenidamente muitas das páginas, em prosa e verso, de grandes escritores nossos do século passado (OLIVEIRA MARTINS, GUERRA JUNQUEIRO), pode convencer-se de que Portugal era um país quasi selvagem até ao Marquês de Pombal e depois dêle.

O espírito sectário dos intellectuais daquela época exaggerou os méritos do Marquês e deprimiu quasi até à caricatura figuras e factos que, pouco a pouco, vão sendo trazidos para a luz da verdade.

D. João VI, uma das figuras mais calunjadas da nossa História, foi todavia chefe de um grande império, que teve por capital, durante algum tempo, o Rio-de-Janeiro.

Honrava aquêlê Soberano os seus médicos, observando o que manda o «Eclesiástico» e, por êsse motivo, grandes serviços prestou ao ensino da Medicina.

Em território português fundou D. João VI nada menos de quatro escolas, que ainda hoje são notáveis centros de estudos médicos nos países de língua portuguesa: Baía, Rio-de-Janeiro, Lisboa e Pôrto.

Foi penosa a evolução dos estudos anatómicos na metrópole: pode dizer-se que só em 1739 é que appareceu, escrito por um estrangeiro (SANTUCCI), o primeiro compêndio de Anatomia redigido em língua portuguesa; e que, à parte

alguns trabalhos de menor valor, só em 1818 foi impresso o segundo (FRANCISCO SOARES FRANCO).

No intervalo entre as duas datas, foi publicado, porém, outro tratado de Anatomia escrito na nossa lingua (JOSÉ SOARES DE CASTRO, Baía, 1812-1815).

E é forçoso confessar que no Brasil foram, relativamente, mais rápidos do que na velha metrópole os progressos da Anatomia.

Em Portugal passaram, com efeito, quasi despercebidos os fulgurosos ensinamentos da Renascença italiana (LEONARDO DA VINCI, VESALIO) e pode dizer-se que só no fim do século passado a Anatomia portugueza alcançou, com JOSÉ ANTÓNIO SERRANO, uma digna posição.

Pois o Brasil, iniciando timidamente, apenas em 1812, os estudos de Anatomia, já hoje conta na história daquela ciência investigadores da categoria de MARCONDES, BENJAMIM BAPTISTA, VINELLI BAPTISTA, BOVERO e LOCCHI.

Vejam os como as instituições médicas derivaram de Portugal e se expandiram pelo seu Império.

Para galardoar os serviços prestados por um médico que o acompanhou desde Viena de Áustria, o Marquês de Pombal nomeou-o lente de Anatomia na Escola de Cirurgia de Lisboa.

Foi aposentado à fôrça BERNARDO SANTUCCI, ao qual sucedeu o amigo do Marquês, Pedro Dufau (1).

Não tinha prestígio o ensino anatómico e, em pleno século XVIII, chegaram a proibir-se as disseções e a ficar vaga por alguns anos a cadeira de Anatomia na Escola de Lisboa.

Os motivos da perseguição aos estudos anatómicos são dados, com razão ou sem ela, por um cirurgião da Casa Real naquele tempo (2):

«a desmarcada ambição do Cirurgião mór do Reino

(1) Manuel Constâncio — *O Pareo Português*, por AUGUSTO DE CASTRO (Arquivo de História da Medicina Portuguesa, nova série, 9.º ano e seguintes).

(2) MANUEL JOSÉ LEITÃO, *Tratado Completo de Anatomia e Cirurgia*, I, Lisboa, 1778.

fazia retardar o progresso destas duas Cadeiras, porque o rigoroso estudo da Anatomia, e operações fazia desanimar os praticantes costumados só ás lições rançosas dos mestres de Cirurgia, que até este tempo ensinavão sem os principios Anatomicos, e preceitos de operações; os praticantes se desanimavão e muitos deixarão de seguir esta Arte a que se destinavão. Esta dezerção lhe era muito nociva aos seus interesses, por isso facilitou os exames de Cirurgia, sem os conhecimentos destas duas tão interessantes Artes, por não perder os lucros do seu negocio, e das suas rendas; e assim mui poucos são os que sacrificavão o tempo, e trabalho a aprenderem a Anatomia, e operações.»

Se não é pura *má-língua* a informação do examinador da Real Junta do Proto-Medicato, são bem tristes as razões do atraso da Anatomia em Portugal: a fim de cobrar fartos emolumentos, o cirurgião-mor do Reino facilitava escandalosamente o ensino anatómico, para que os alunos afluíssem em grande número.

A aula de Anatomia estava quási deserta, mas, entre os raros alunos applicados, appareceu um que veio a ter lugar primacial na história da Medicina portugueza.

Trata-se de Manuel Constâncio, que iniciou a sua carreira, como Ambrósio Paré, na humilde qualidade de barbeiro (1). Matriculando-se na Escola de Cirurgia de Lisboa, foi o aluno mais distinto do professor de Anatomia Dufau, do qual veio a ser grande amigo e successor na cadeira de Anatomia.

Por êsses tempos, eram extraordinariamente numerosos os indivíduos que, apesar de mal saberem ler, se submetiam a exame de Cirurgia, sem quaisquer conhecimentos anatomicos. Assim aumentavam os réditos do cirurgião-mor do Reino. Felizmente para os progressos científicos de Portu-

(1) AUGUSTO DE CASTRO, *loc. cit.*

gal, aquela autoridade, António Soares Brandão (1), acabou por morrer e, desde então, muito começou a desenvolver-se o estudo da Anatomia e da Cirurgia, graças à actividade de Manuel Constâncio, que, pelo número e qualidade dos seus discípulos, foi talvez o mais insigne chefe de escola que tem havido em Portugal. Além da instrução que dava, oficial e particularmente, aos seus alunos, recebia-os em sua casa, e, às vezes, alimentava-os e fornecia-lhes livros. Aos mais distintos obtinha-lhes bôlsas de estudo no estrangeiro.

Em 1791, em pleno reinado de D.<sup>a</sup> Maria I, o Govêrno português mandou sete discípulos de Constâncio, por êle escolhidos, aperfeiçoar-se a Inglaterra em Cirurgia.

Por iniciativa de Constâncio, seguiu assim a Rainha o nobre exemplo de D. João III, de mandar bolseiros ao estrangeiro, com o fim de desenvolver o progresso da Ciência em Portugal. O mesmo exemplo foi recentemente imitado, com o maior êxito, pela Junta de Educação Nacional e seu sucessor, o Instituto para a Alta Cultura.

O sistema de mandar bolseiros lá fora, em regra, tem dado melhor resultado do que o contrato de professores estrangeiros, nem sempre competentes, nem sempre leais para o país que os acolheu.

Foram sete, como dissemos, os bolseiros que, em 1791, partiram para Inglaterra, escolhidos por Manuel Constâncio entre os seus melhores discípulos.

Foram, por assim dizer, chefiados por António de Almeida, já então professor de Cirurgia no Hospital de S. José. Êste aperfeiçoou em Londres os seus conhecimentos e de lá voltou com o honroso e, para um estrangeiro, rarís-

---

(1) MANUEL DE SÁ MATOS (*Bibliotheca Elementar Chirurgico-Anatomica*, Pôrto, 1788), discípulo de Dufau, procura defender António Soares Brandão, elogiando-o por ter tratado D. José, por occasião do atentado de que êste foi vítima.

simo título de «membro efectivo do Real Colégio dos Cirurgiões de Inglaterra».

Veio a ser um dos mais notáveis cirurgiões que têm florescido em Portugal e publicou, no primeiro quartel do séc. XIX, um tratado de *Medicina Operatoria*, que teve duas edições e que é talvez a melhor obra que, sobre o assunto, tem sido publicada aqui.

Acompanharam António de Almeida, como bolseiros na Inglaterra: Francisco José de Paula, que veio a ser cirurgião militar de grande mérito; Francisco Solano Constâncio, que fez o curso médico em Edimburgo, deixando um nome laureado nas Letras e nas Ciências; Manuel Alves da Costa Barreto, que acompanhou D. João VI ao Brasil, o qual o nomeou professor de Partos na Faculdade de Medicina que fundou no Rio-de-Janeiro; e António Lopes de Abreu, que foi depois notável cirurgião em Lisboa.

Mais dois rapazes foram nessa ocasião como bolseiros para Londres: o malogrado Domingos Matias, que ali morreu alienado, e António José de Carvalho e Melo, que retirou da Inglaterra gravemente doente dos pulmões.

A estes bolseiros seguiram-se muitos outros.

Em 1795 estavam em Inglaterra a estudar Cirurgia, por conta do Estado: Francisco Solano Constâncio, António Lopes de Abreu, Ildefonso José da Costa e Abreu e ainda outros que se dedicavam a assuntos diferentes.

Outros discípulos, mais ou menos célebres, deixou Manuel Constâncio, tais como: o oftalmologista Norberto Chalbert, que tratou a Rainha D.<sup>a</sup> Maria I; José Correia Picanço, de que me occuparei mais adiante, o qual, aperfeiçoando-se em Paris, depois de ser professor de Anatomia na Universidade de Coimbra, acompanhou ao Brasil D. João VI, na qualidade de cirurgião-mor do Reino; Manuel José Teixeira, que sucedeu a Constâncio na cátedra de Anatomia de Lisboa e que teve como discípulo Vicente José de Carvalho, insigne fundador do ensino anatómico do Pôrto.

Entre os numerosos e distintos discípulos de Constâncio, MANUEL JOSÉ LEITÃO (1) cita ainda, além de muitos outros, os seguintes: José Leonardo Raposo, que a Reforma do Marquês de Pombal impediu de ocupar o cargo de demonstrador de Anatomia e Cirurgia na Universidade de Coimbra; Francisco Manuel Barroso da Silva, cirurgião e professor de Anatomia e Cirurgia na Índia; Manuel da Cruz, cirurgião-mor do reino de Angola e ali professor das mesmas matérias; Manuel António, cirurgião e professor de Anatomia em Benguela; além de muitos cirurgiões militares dispersos por tôda a metrópole, com encargo de ensinar aquelas ciências.

É curioso notar que os grandes méritos de Manuel Constâncio, apontados por tantos e tão brilhantes discípulos, não podem ser confirmados por qualquer obra que êle deixasse. As suas lições nunca foram impressas e são apenas conhecidas por alguns exemplares de uma *postila* que andava nas mãos dos seus alunos, que a estropiavam cada vez mais.

Não podem deixar de reconhecer-se a origem humilde e a deficiência de cultura do notabilíssimo reformador da Cirurgia portugueza...

Apesar da sua humilde e insufficiente cultura, foram extraordinários os serviços prestados às ciências médicas em Portugal por Manuel Constâncio, que não pôde chegar a ver realiza-lo o sonho de tôda a sua vida: a criação das Régias Escolas de Cirurgia, que só veio a efectuar-se em 1825, oito anos depois do seu falecimento.

Vejamos como se expandiu pelo mundo portuguez a acção educativa de Manuel Constâncio. Já disse que o fundador do ensino anatómico no Pôrto, Vicente José de Carvalho, fôra educado pelo discípulo e sucessor de Manuel Constâncio, Manuel José Teixeira.

(1) *Loc. cit.*

Em Coimbra foi mais complicada a evolução do ensino da Anatomia. A meu ver, carecem de grande revisão os apregoados méritos da Reforma Universitária do Marquês de Pombal, que me parece mais ter sido feita para esmagar os seus inimigos do que para progresso da Nação<sup>(1)</sup>. Não há dúvida que os Estatutos pombalinos estabeleceram doutrinas e disposições muito salutaras. Da reforma de Pombal derivaram grandes benefícios. Mas a execução dela nem sempre foi feliz.

Tinha grande esperança o Marquês nos professores estrangeiros que recrutara. Acertou êle, por exemplo, com a nomeação do botânico Vandelli. Mas, pelo que respeita ao ensino anatómico, falhou por completo.

Quando regressou da sua missão diplomática a Viena, Sebastião de Carvalho e Melo, talvez por mero favoritismo, e para recompensa de serviços, nomeou lente de Anatomia na Escola de Lisboa o francês Dufau, que, ao menos, teve o mérito de educar o seu grande sucessor, Constâncio.

Logo após a Reforma, o Marquês de Pombal decretou a aposentação de José dos Santos Gato, professor de Anatomia, que tinha sido educado na Escola de Lisboa. E, para a sua vaga, nomeou Luís Cichi, médico italiano que exercia clínica no Pôrto e que depressa mostrou a sua total incompetência. Felizmente que o auxiliava como demonstrador, e depressa lhe sucedeu na cátedra, José Correia Picanço, natural de Pernambuco e um dos bons discípulos de Constâncio, que depois aperfeiçoaria em Paris os seus conhecimentos com Sabatier e outros anatómicos de nomeada.

Desempenhou-se bem dos seus deveres docentes e, jubilandando-se ainda novo, foi nomeado cirurgião-mor do Reino, acompanhando D. João VI ao Brasil, onde exerceu, como

---

(1) Veja-se o *Compendio Historico do Estado da Universidade de Coimbra no Tempo da Invasão dos Denominados Jesuitas...*, Lisboa, 1772.

veremos, acção primacial na fundação do ensino médico naquella nossa então vastíssima província ultramarina.

Sucedeu-lhe na cátedra conimbricense João de Campos Navarro, um dos lentes da dinastia vimaranense dos Navarros, que tanto lustre deram à Universidade de Coimbra.

Em 1806 Navarro partiu para o Rio-de-Janeiro, onde o Soberano lhe deu o título de Barão de Sande.

Sucedeu-lhe seu discípulo FRANCISCO SOARES FRANCO, «a mais lídima glória da Anatomia de Coimbra», como diz muito bem o alto espírito que ali ocupa hoje o seu lugar (¹).

Devemos-lhe os bem conhecidos *Elementos de Anatomia*, que tiveram duas edições e que, por muitos anos, serviram de livro de texto quer em Coimbra, quer nas jovens Escolas de Lisboa e Pôrto.

Depois da obra de SANTUCCI, é o compêndio de Anatomia de mais valor que se publicou em Portugal. O livro de SOARES FRANCO é gratamente dedicado ao seu «respeitável mestre e prezadíssimo amigo João de Campos Navarro», deputado à Côrte do Rio-de-Janeiro pela Universidade de Coimbra.

É curioso notar que também nascera no Brasil o sucesor de SOARES FRANCO, o Dr. Carlos José Pinheiro, o verdadeiro fundador do Museu Anatômico de Coimbra.

Vai sendo tempo, porém, de nos trasladarmos também; com a Côrte, para o Brasil, e estudar como ali se implantou o ensino médico.

Transposto o Oceano — transcreve SILVESTRE RIBEIRO (²) de uma revista brasileira —, lavrou o Rei de Portugal a carta de liberdade do Brasil... foi na Baía que entre outras pro-

(¹) MAXIMINO CORREIA, *Esbôço da História da Anatomia em Coimbra*, in *Jornal da Sociedade das Ciências Médicas de Lisboa*, 1924.

(²) J. SILVESTRE RIBEIRO, *História dos Estabelecimentos Scientificos, Litterarios e Artisticos de Portugal*, IV, Lisboa, 1874.

vidências de maior vulto estabeleceu o Príncipe D. João, no Hospital Real, a instâncias do Dr. José Correia Picanço, a primeira Escola de Cirurgia nos seus domínios da América.

Foi a 18 de Fevereiro de 1808 que D. João VI, sob proposta de Picanço, criou aquella escola, que devia ensinar Anatomia, Cirurgia e Obstetrícia. A escolha dos professores ficava a cargo do cirurgião-mor do Reino, Prof. Picanço. O professor de Anatomia escolhido foi o cirurgião José Soares de Castro, do qual de novo me occuparei adiante.

A 18 de Março de 1813 foi criado o curso de Cirurgia no Hospital da Santa Casa da Misericórdia do Rio-de-Janeiro, determinando pouco depois o Govêrno que o curso tivesse como estatutos o *Plano* elaborado por Manuel Luís Álvares de Carvalho, *director dos estudos de medicina e cirurgia na Côrte e Estado do Brasil*.

Fala SILVESTRE RIBEIRO de graves divergências entre Álvares de Carvalho e Picanço, divergências que muito perturbaram o ensino na jovem Escola.

Do seu corpo docente faziam parte o Dr. Vicente Navarro de Andrade e o discípulo de Constâncio e antigo bolseiro em Londres Manuel Alves da Costa Barreto.

SILVESTRE RIBEIRO transcreve ainda o *Plano de Organização de uma Escola Medico-Cirurgica* elaborado em 1811 por Vicente Navarro de Andrade, por incumbência do Príncipe Regente D. João.

O primeiro professor de Anatomia no Rio-de-Janeiro, diz MAXIMIANO DE LEMOS <sup>(1)</sup>, foi Joaquim José Marques, cirurgião-mor do reino de Angola. Informa ainda MAXIMIANO DE LEMOS que ao plano de reforma de Navarro de Andrade foi preferido o de Álvares de Carvalho, muito mais acanhado do que aquêle.

Tais foram os primeiros passos, vacilantes e incertos, do

(1) MAXIMIANO DE LEMOS, *Historia da Medicina em Portugal*, Lisboa, 1899.

ensino cirúrgico no Brasil, diz MAXIMIANO DE LEMOS, que se ocupa largamente da obra pedagógica de Picanço, galardoado com o título de Barão de Goiana. Tendo embarcado com a família real em 1807, morreu no Brasil em 1824, depois de uma gloriosa carreira.

Esboçando a história da Medicina na Baía, o Prof. ARISTIDES NOVIS fala, com elogio, no volume *Medicina no Brasil* <sup>(1)</sup>, do *brasileiro insigne* José Correia Picanço, a cujo prestígio se deve a criação do ensino médico na Baía. Foi êle quem escolheu os primeiros mestres da Escola de Cirurgia daquela cidade: o baiano Manuel José Estrêla, que foi nomeado professor de Cirurgia, e o português José Soares de Castro, que foi ocupar a cadeira de Anatomia e Operações.

Na mesma obra, comemorativa dos Centenários de Portugal (1940) <sup>(2)</sup>, o Prof. AUSTREGÊSILO apresenta um esboço histórico da Medicina no Brasil, salientando justamente que D. João VI foi o *patrono da vida intelectual brasileira*.

Durante a permanência da Côrte no Rio-de-Janeiro, eram ali passadas as cartas de cirurgiões e sangradores para o reino de Portugal e seus domínios.

Por especial deferência do Sr. César Rodrigues, posso reproduzir aqui uma carta de sangrador, passada no Rio-de-Janeiro em 1815, pelo cirurgião-mor do Reino, José Correia Picanço, a António Marques de Abreu, de Paços-de-Gaiolo, no actual distrito do Pôrto.

O candidato fôra examinado, certamente nesta cidade, pelo delegado do cirurgião-mor do Reino, Joaquim José Rodrigues, e pelos examinadores José António Ferreira e Melo e Manuel de Sá Matos.

Êste último era um distinto cirurgião portuense, a quem me referi neste estudo. Na sua citada obra <sup>(3)</sup>, confessa-se

(1) Obra organizada pelo Prof. LEONÍDIO RIBEIRO, Rio-de-Janeiro, 1940.

(2) *Medicina no Brasil*, cit.

(3) SÁ MATOS, *loc. cit.*

discípulo de Picanço, por ter sido examinado por êle na Universidade de Coimbra. No diploma agora reproduzido vê-se, ainda que um tanto apagada pelo tempo, a assinatura do *Conselheiro Jozé Correa Picanço*.

Já vimos que o professor de Anatomia escolhido por Picanço para a incipiente Escola de Cirurgia da Baía foi JOSÉ SOARES DE CASTRO, «cavaleiro professo na Ordem de Cristo, cirurgião-mor do Real Hospital Militar, delegado do cirurgião-mor dos Reais Exércitos na Cidade e Capitania da Baía».

O primeiro *lente da cadeira régia de Anatomia e Operações Cirúrgicas* da Baía foi publicando pouco a pouco, em fascículos, um compêndio de Anatomia, dedicado ao seu illustre protector Correia Picanço, compêndio que hoje deve ser muito raro. MAXIMIANO DE LEMOS <sup>(1)</sup> apenas conseguiu ver o primeiro fascículo, certamente o que possui a biblioteca da Faculdade de Medicina do Pôrto.

INOCÊNCIO <sup>(2)</sup> menciona quatro fascículos da Anatomia de JOSÉ SOARES DE CASTRO, além da tradução portuguesa das *Memorias Physiologicas e Practicas sobre o Aneurisma e Ligaduras das Arterias de Maunoir* (Baía, 1815).

Na minha biblioteca particular, tenho os quatro opúsculos registados por INOCÊNCIO:

*Elementos de Osteologia Practica*. Bahia. Anno de M.DCCC.XII. Na Typographia de Manoel Antonio da Silva Serva. Com as licenças necessarias. 1 vol. de 99 págs. + 10 inum.

*Tratado de Anatomia*. Da Myologia, parte II. Bahia. Anno M.DCCC.XIII. Na mesma tipografia. 1 vol. de 176 págs. + 1 de Erratas.

*Tratado de Anatomia*. Da Angiologia, parte III. Bahia.

(1) MAXIMIANO DE LEMOS, *loc. cit.*

(2) INOCÊNCIO FRANCISCO DA SILVA, *Diccionario Bibliographico Portuguez*, vols. V e XIII.

Anno M.DCCC.XIV. Na mesma tipografia. 1 vol. de 236 págs.  
+ 1 de Erratas.

*Tratado de Anatomia.* Da Nevrologia, parte IV. Bahia.  
Anno M.DCCC.XV. Na mesma tipografia. 1 vol. de 112 págs.  
+ 1 de Erratas.

Parece-me que ficaria incompleto o *Tratado de Anatomia* de JOSÉ SOARES DE CASTRO. Ao menos, não conheço a sua descrição do sistema nervoso central, que não foi versado na parte IV, nem a Esplanchnologia, nem a Estesiologia.

Trata-se de um pequeno manual, onde o professor arquivou as lições, que dava aos seus alunos, e que eram recopiadas de diversos tratados daquela época.

Não podia deixar de ser modesto o primeiro manual de Anatomia publicado no Brasil. Vimos como foi penosa a evolução do ensino anatómico em Portugal. Transplantado depois para o Brasil, não podia deixar de ser modesto esse ensino e modesto o primeiro compêndio de Anatomia editado naquela nossa antiga província ultramarina.

Conjunto de simples lições a alunos rudimentarmente preparados, o *Tratado* de SOARES DE CASTRO destaca-se, ainda assim, na literatura anatómica portuguesa do começo do século passado, antes do aparecimento dos *Elementos* de SOARES FRANCO.

Na parte I, além da Osteologia, e entre os ossos da cabeça, inclui os dentes. Não é muito própria, às vezes, a nomenclatura dos ossos: ao unciforme chama «crochu» ou ganchoso e aos dedos do pé chama, à francesa, «artelhos».

Na parte II da sua obra, SOARES DE CASTRO confessa achar de pouca utilidade a nova nomenclatura miológica de CHAUSSIER, no tocante a músculos. Mas pareceu-lhe conveniente colocá-la a par da antiga, para que os seus alunos não ignorassem a nomenclatura topográfica, quando a ouvissem a outros.

Na parte III do *Tratado de Anatomia*, SOARES DE CASTRO occupa-se da Angiologia, a qual definiu: «a parte da Anato-

mia, que trata dos vasos»... que «são uns canais nos quais circulão os liquidos de toda a especie.» Trata das artérias, das veias e dos linfáticos, mas não descreve o coração, assim como, na parte IV (Nevrologia), não descreve o sistema nervoso central.

Se deu por completo o seu *Tratado*, o primeiro professor de Anatomia da Baía foi muito deficiente, e a sua obra, tirando os melhoramentos devidos ao progresso da ciência, não se avanta a *Anatomia do Corpo Humano* de SANTUCCI, publicada em Lisboa 73 anos antes.

Já tive ocasião de salientar <sup>(1)</sup> a propriedade e a clareza da linguagem de SANTUCCI, o primeiro que publicou um compêndio de Anatomia redigido em português. Esse compêndio era ilustrado com belas figuras, ao contrário dos que se lhe seguiram. E, para mostrar que não se progrediu, desde SANTUCCI até à criação do ensino médico no Brasil, sob o ponto de vista da clareza e da propriedade da linguagem, transcreverei alguns períodos dos dois manuais, relativos ao mesmo assunto: grande peitoral.

Vejamos como inicia a descrição dêste músculo BERNARDO SANTUCCI <sup>(2)</sup>:

«O *Peitoral maior* é assim chamado, por ocupar a maior parte do peito, nasce da parte do meio da clavícula, e da parte lateral, e intermedia dos ossos do Esterno, e cobrindo as costelas verdadeiras, e o mesmo peito, passa com o tendão não muito comprido, mas forte, e acaba na parte externa superior, e anterior do osso do braço, quatro dedos pouco mais, ou menos distante da dita cabeça.»

Vejamos como esta linguagem, tão própria, tão clara, tão elegante, é substituída pela de SOARES DE CASTRO <sup>(3)</sup>:

«Do *grande-peitoral. Esterno-humeral.*

(1) J. A. PIRES DE LIMA, *Bernardo Santucci e a nomenclatura anatómica portuguesa*, in *Estudos Italianos em Portugal*, vol. II, 1940.

(2) SANTUCCI, *Anatomia do Corpo Humano*, Lisboa, 1739.

(3) *Loc. cit.*

Este músculo, de figura triangular, largo, e delgado na extremidade interna, estreito e mais espesso na externa, está situado superficialmente na parte anterior, e lateral do peito. É aponevrotico em todos os seus ataques ao peito, tendinoso no ataque ao humero, carnoso no resto da sua largura...»

Tenho de confessar que é de somenos valor o primeiro livro de Anatomia que se imprimiu no Brasil.

Não o estranharemos, se considerarmos que foi extremamente lenta a evolução de tal ciência em Portugal.

Basta notar que a obra-prima da literatura anatómica portuguesa, a *Osteologia* de SERRANO, só appareceu mais de três séculos depois de VESÁLIO.





